



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11265 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 17/GT 14 - Filosofia e Sociologia da Educação

TRAÇADOS DE UMA PERSPECTIVA ECOSÓFICA POR MEIO DO PROJETO SALA VERDE AMANAJÉ NA CIDADE DE CAPITÃO POÇO – PA

Charleston Silva de Souza - Universidade Federal do Pará (UFPA) - EDUCANORTE - PGEDA

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

TRAÇADOS DE UMA PERSPECTIVA ECOSÓFICA POR MEIO DO PROJETO SALA VERDE AMANAJÉ NA CIDADE DE CAPITÃO POÇO – PA

Resumo

Neste trabalho apresentamos os traçados de uma experimentação ecosófica em educação ambiental construídos no projeto de extensão Sala Verde Amanajé, na cidade de Capitão Poço – PA. Procuramos seguir as pistas do método cartográfico como dispositivo ético-político para mapear os agenciamentos a partir da intersecção entre nós e o meio ambiente, entre cultura e natureza. Nesse cenário, as experiências vivenciadas na Sala Verde Amanajé buscam construir novas formas de vida no sentido da fuga da produção maquinica operacionalizada pelo sistema capitalista, que concebe os sujeitos e os objetos como domínios distintos. Seu programa de intervenção ambiental e experimentação pedagógica traça novos mapas existenciais, modificando cotidianamente tanto os espaços físicos quanto os espaços sociais e subjetivos na perspectiva ecosófica da vida.

Palavras-chave: Educação ambiental; ecosofia; subjetividade

I. Introdução

Cadastrada na rede de salas verdes do Ministério do Meio Ambiente, o projeto de extensão Sala Verde Amanajé foi implementado na UFPA-Capitão Poço em maio de 2018. A ideia surgiu da proposta de sua coordenadora em parceria com alunos de Bacharelado em Biologia e Licenciatura em Computação. Sua ideia inicial era viabilizar a aproximação da comunidade de Capitão Poço com a Universidade e uma maior aproximação do homem com o meio ambiente.

Atualmente, também vem chamando a atenção para a imbricação entre os domínios do social, do psíquico e do ambiental, de tal maneira a destacar como o desenvolvimento econômico e ambiental afetam diretamente a formação dos

sujeitos sociais. Isto é, busca mostrar como o discurso que defende um crescente desenvolvimento econômico, com a exploração contínua dos recursos naturais, não leva em consideração a própria finitude humana, sua coexistência e dependência da natureza. Como uma máquina desterritorializante, não procura *interpretar*, no sentido de *refletir* sobre o meio ambiente e sua importância para a vida, mas, muito mais, executar ações em educação ambiental. Seu objetivo principal é criar novas experiências ou articulações que permitam a emergência de coordenadas existenciais distintas, cartografar e/ou reposicionar novos universos de referência.

Sendo assim, as questões que surgem é justamente como criar agenciamentos em educação ambiental de caráter ecosófico que fujam das demandas do paradigma dominante, como executar ações que permitam não uma desterritorialização relativa dos nossos meios de vida; como contribuir para o discernimento das concepções embutidas nas ideias comuns acerca do meio ambiente, da educação ambiental, dos sujeitos, e como essas concepções afetam nossa visão de mundo, como afetam as maneiras como professores, alunos e comunidades entendem si mesmos e, conseqüentemente, como as pessoas normalizam determinados comportamentos e ostracizam os outros (IRWIN, 2008).

Em resumo, a SVA teria como tarefa central uma aproximação entre os saberes acadêmicos e o conhecimento tácito, sem pesar a balança nem para um lado nem para outro, em uma espécie de relacionalidade epistêmica, de valorização das experimentações humanas como um todo. Além disso, mostrar que seu fundamento, a suposta distinção categorial entre sujeitos e objetos, entre cultura e natureza funciona como um recurso heurístico limitante das capacidades humanas. Isto é, longe de ser uma distinção que aumente as capacidades humanas e seu desenvolvimento, a separação entre o sujeito e o objeto funciona muito mais como uma representação que nos impede de pensar a dinâmica da vida, com suas infinitas possibilidades de manifestação.

Como será explicado mais abaixo, borrar as fronteiras entre sujeitos e objetos, questionar esse fundamento categorial herdado do pensamento cartesiano, fundamentalmente, exige um caminho de investigação que permita ver como essas noções são construídas, e não *a priori*. Cartografar as experimentações ecosóficas por meio do projeto Sala Verde Amanajé significa estabelecer uma conjunção entre ser e pensar, onde tanto o projeto quanto os sujeitos que o envolvem se autoposicionam através do rompimento com o contexto ou ocasião histórica, questionando os significantes comuns a partir dos quais construímos nossas relações com o mundo. Acompanhamos um percurso em sentido performativo, um modo de existir inteiramente voltado para a experimentação ancorada no real. Há uma normatividade do vivido, e cabe ao pesquisador capturar, cartografar as intensidades que ocorrem no processo de construção do território onde estão imersos tanto professores, alunos, visitantes, colaboradores em geral e pesquisador:

é uma tentativa de capturar o movimento de coemergência das subjetividades (PASSOS et. al., 2015, p. 131).

II. Metodologia

A imersão no projeto Sala Verde Amanajé se dá através do método cartográfico, uma maneira de fazer capturas momentâneas das vias novas da subjetividade. Falar de capturas ou traçados existenciais só faz sentido quando estamos falando daquilo que Guattari (1998) chamou de “concertos coletivos”, em que se compreende a subjetividade submersa em uma “polivocalidade”. Não como algo que se expressa somente através da linguagem, ou como comunicação entre indivíduos. Esses concertos coletivos existem e se dão fora da subjetividade individual (GUATTARI, 1998, p. 36). Tem-se em mente um pensamento para além do “eu”, distante da perspectiva capital-liberal da contemporaneidade. Se esta concebe o eu como indivíduo portador de capacidades especiais, com uma alma pronta a interpretar e solucionar os quebra-cabeças do dia a dia, a experimentação ecosófica lida com a construção processual de novas formas de viver em grupo, como em uma escola que procura explorar o máximo possível as desterritorializações naturais das crianças, sempre dispostas a ressignificar as regras sociais.

Não podemos falar de *um* modelo de educação ambiental a seguir. Não há uma ideia que funcione como parâmetro que deve ser imposta na hora de propor ações educativas. Poderíamos dizer que há um acompanhamento das ações, um engajamento com os processos de produção, uma conexão entre seus participantes e a própria ação planejada e executada, como o crescimento de um rizoma, sem centro ou raiz.

Assim, o acompanhamento em termos processuais não pode ser do tipo dedutivo, por exemplo, quando partimos de uma proposição universal para casos particulares, nem mesmo um processo indutivo, quando a partir de casos singulares alcançamos uma proposição universal. Mas, falamos em termos de ação política mesmo, em que a investigação está apoiada no seu modo de fazer, modo de fazer este determinado pelos valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, etc. (PASSOS et. al., 2015, p. 19).

III. Resultados e discussão

Que as revoluções estejam destinadas ao fracasso não significa que o espírito que as move, o entusiasmo que engendram também tenha o mesmo destino. Seguindo o filósofo alemão Immanuel Kant, Deleuze e Guattari destacam que o entusiasmo incitado pela revolução não deve ser confundido com esta. Isso pode significar que este acontecimento, este sentimento em torno dos estados de coisas encarnados, é o próprio acontecimento filosófico, na medida em que é imaterial,

incorpóreo, despreocupado com o lugar em que está (DELEUZE & GUATTARI, 2020, p. 187).

Como uma experimentação ecosófica em educação ambiental que questiona os parâmetros comportamentais capitalistas-neoliberais em relação à natureza e sua importância para nós, no sentido de propor mudanças quanto à maneira como lidamos com o meio ambiente, seja ele natural ou social, a Sala Verde Amanajé funciona como uma máquina de guerra, desterritorializante, já que sua dimensão procedimental envolve múltiplas vias de acontecimentos, com infinitas possibilidades, com suas linhas de fuga.

Não há um sentido prescritivo com os agenciamentos ecosóficos, com objetivos previamente estabelecidos com base em uma ideia abstrata universalizante, como seria o caso, por exemplo, de uma educação ambiental conservacionista. Ao invés disso, a SVA propõe e realiza intervenções no mundo da experiência, dos sujeitos, aproximando teoria e prática como parte do mesmo plano de produção.

Desta maneira, tanto o objeto de estudo, a SVA, suas propostas e ações, quanto os sujeitos engajados nela e com ela, são concebidos dentro de um processo de gênese mais amplo, que afasta a ideia de representações prontas e acabadas. Sujeitos e objetos são resultados do mesmo processo de criação, que se estende das nossas primeiras aproximações com o mundo à formação de um categorial lógico-científico mais elaborado (HUGHES, 2008; BUTLER, 2016). Isto é, a prática da SVA engendra concretamente tanto as percepções de mundo quanto as subjetividades, mundos e sujeitos. Um novo mundo e novos sujeitos emergem em meio às práticas ecosóficas.

Figura 1: Projeto Sala Verde Amanajé



Fonte: <https://www.instagram.com/salaverdeamanaje/>

Esta tentativa de (re)aproximar os saberes segue a mesma linha de

pensamento que move, por exemplo, o postulado de uma “sensibilidade ecosófica” do sociólogo francês Maffesoli (2021). Em *Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo* (2021), depois de enumerar fenômenos sociais e culturais que denunciariam uma mudança de perspectiva em relação à alcance do mito progressista plasmado na ideia do “prometeu libertado” (MAFFESOLI, 2021, p. 48-49), o autor faz o chamado para a *Weltglaube*, a crença no mundo, uma espécie de reencantamento do mundo, onde a reversibilidade orgânica entre o homem e a natureza – na forma de um estar em um ambiente como parte integrante de algo que nos ultrapassa e de que somos membros – precisa ser constantemente colocada em prática, no seio da vida, nas raízes da existência, imanentemente.

Ao buscar transformar a maneira como concebemos e nos relacionamos com as pessoas e com o mundo, em detrimento da domesticação de nossas vidas e da natureza imposta pela economia capitalista neoliberal, a SVA vem buscando estimular um intenso estar-junto, tanto diante de um com o outro como diante daquilo que nos sustenta, que permite que permaneçamos aqui, vivos. Essas posturas de “respeito” com o meio ambiente promovem uma mudança em nossos comportamentos. É o que se observa a partir da fala de alguns participantes que já contribuíram com o projeto, conforme a Tabela 1 abaixo:

Tabela 1. Respostas para a pergunta “Como você fez parte da Sala Verde Amanajé, e como essa interação com o projeto e as pessoas implicaram, ou não, uma mudança no seu comportamento e compreensão de mundo?”

	Resposta
1	“Fui treinanda da Sala Verde, atuando em projetos de educação ambiental, na exposição de aulas e palestras para o público da rede municipal. Essa interação trouxe grandes conquistas para mim, e um maior conhecimento sobre as questões ambientais, que contribuíram para minha formação e entendimento do meio ambiente”.
2	“Particpei do projeto no seu início, fazendo parte de todas as atividades iniciais, desde a limpeza do espaço físico até as primeiras atividades com as crianças. A partir da interação com esse projeto, foi possível desenvolver uma visão de mundo que ainda não havia desenvolvido. Além disso, consegui desenvolver melhor minha interação com outras pessoas e repensar acerca de como as minhas ações geram impactos e são impactadas pelo meio ambiente e as pessoas ao meu redor.”
3	“Fiz parte como palestrante, ministrando oficinas e na organização e estruturação do projeto em si, onde a Sala Verde Amanajé foi parte fundamental para minha formação acadêmica, pois através do mesmo realizei o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). As boas ações promovida pelo projeto trouxeram a melhor compreensão de mundo, onde as interações interpessoais promovidas com os colaboradores e o público alvo enfatizaram uma boa vivência de mundo.”
4	“Minha participação no projeto foi bem importante para minha formação acadêmica, pois ali já sabia da importância que era participar de algum projeto de extensão. Além dos conhecimentos adquiridos e das experiências vividas dentro do projeto Sala Verde Amanajé, aprendi a gostar muito da área de educação ambiental; também destaco as interações que tínhamos com as crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio que serviram como forma de amadurecimento, para mim”.
5	“A Sala Verde Amanajé me possibilitou uma experiência impar com os conceitos ambientais e com a sociedade, durante minha participação pude compartilhar o que aprendia e passar informações, assim como aprender com os demais. Diria que os impactos dessa vivência mudaram aspectos tanto profissionais quanto pessoais relacionados a ética ambiental e a ter mais consciência e reponsabilidade dos meus atos.”

De modo geral, as respostas indicam a importância das interações sociais, das vivências, de como os agenciamentos coletivos puderam marcar uma mudança na concepção de mundo e da própria personalidade, das subjetividades envolvidas nas dinâmicas da Sala Verde. Na resposta 5, por exemplo, o participante relata mudanças profissionais relacionadas à ética ambiental no que concerne aos atos praticados. Como uma espécie de responsabilidade moral pelo seu entorno, isso significaria uma mudança de comportamento em relação ao outro, na medida em que este também é diretamente afetado pelos atos individuais. Indica-se a passagem, portanto, de uma postura centrada no indivíduo para uma voltada ao âmbito socioambiental, o que também poderíamos chamar de pensamento rizomático, relacional.

Desta forma, podemos afirmar, contra o triunfo do prometeu libertado, símbolo do poder do homem moderno, o *homo economicus*, que são as experiências de ligação do indivíduo com o seu ambiente natural, o respeito por ele, a reflexão sobre seu ambiente social, em um equilíbrio tantas vezes distante na vida contemporânea que fazem parte do dia a dia da Sala Verde Amanajé.

Outra coisa também precisa ser mencionada. A SVA busca não pretende se opor ao desenvolvimento (tecnológico, por exemplo) mas, muito mais, se apropriar de seus instrumentos, com a finalidade de potencializar e aumentar modos de existência minoritários, menores, uma busca pela ressingularização contra a coercitiva homogeneização imposta pelo mercado capitalista mundial integrado.

IV. Considerações finais

De 2018 até a atualidade, a SVA vem se mostrando como um experimento ecosófico por possibilitar que as pessoas continuem sonhando com um mundo melhor, em detrimento do mundo dominado pelo mito do prometeu libertado. Com tanta degradação ambiental, social e psicológica decorrentes das pressões impostas pela política neoliberal, que demonstra, em muitos aspectos, a crise dos últimos anos, se torna ainda mais premente pensarmos nas condições para mudanças, e isso significa agir o mais rápido possível.

Enquanto experimentação ecosófica, a SVA vem assumindo a perspectiva em que os vários sujeitos envolvidos em suas dinâmicas atuam como complexos rizomáticos, onde a centralidade de uma persona não tende a fazer sentido algum: é uma tentativa de contra-efetuar a semântica prometeica capitalista, em que o sujeito é assumido como senhor da natureza, dominador dos fatos. Assim, o que se viabiliza é a concepção de que sujeitos e objetos estão continuamente em fluxo, e que suas estabilidades ou cristalizações conceituais não passam de contingências, respectivas a um determinado contexto histórico.

Como um complexo rizomático, as ações e decisões da SVA são articuladas e rearticuladas dependendo do grau de interação entre os participantes. Não há ponto fixo. A execução do projeto se articula dinamicamente, no contato com os vários segmentos que o

tornam viável. Por isso, afirma-se que tanto os espaços físicos quanto os espaços sociais e subjetivos são transformados através da SVA.

A simples reutilização de algum material reciclável já modifica a paisagem local e também a forma de ver o mundo: não é mais *uma* garrafa jogada no meio da rua, mas sim um “objeto” em efetiva participação em um complexo ecosófico. Também não é apenas um sujeito que coleta algum material reciclado, mas alguém preocupado com as implicações desse comportamento. As coisas deixam de ser vistas enquanto singularidades, têm seus horizontes alargados, desterritorializados, para além do caráter imediato como manipuláveis e disponíveis ao cálculo materialista. Em outros termos, pode-se falar de uma projeção para além do próprio objeto, onde este estaria inserido em um universo de possibilidades, de virtualidades, prontos para serem contra-efetuados.

Assim as pessoas, que passam de consumidores frenéticos a transformadores da natureza, mais atentos aos processos de subjetivação impostos por uma serialidade capitalista. Há uma tentativa de desprendimento da situação, quase cotidiana do homem contemporâneo, que não procura pensar sobre os significados plantados em suas compreensões de mundo. Abre-se a possibilidade para uma crítica ética e política, na medida em que nossas mais simples ações passam a ser alvos de um olhar mais atento. Antes de ver algo como lixo, descartável que precisa ser depositado em algum lugar distante do ambiente familiar, tudo pode ser ressignificado. Os sujeitos, não mais compreendidos como indivíduos encapsulados em seus mundos particulares, são virtualizados, no sentido de experimentarem novas formas relacionais, novas maneiras de lidar com a natureza, com o lugar que habitamos e do qual fazemos todos parte, que depende de nossos cuidados, em suma, a nossa casa, *oikos*, como os gregos gostavam de designá-la.

Referências

- BUTLER, Rex. *Deleuze and Guattari's 'What is Philosophy?': A Reader's Guide*. Bloomsbury Publishing, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2020.
- GUATTARI, Félix. *El devenir de la subjetividad* conferencias, entrevistas, diálogos (Chile, 1991). Santiago: Dolmen Ediciones, 1998.
- HUGHES, Joe. *Deleuze and the Genesis of Representation*. Bloomsbury Publishing, 2008.
- IRWIN, Ruth. ‘After Neoliberalism’: Environmental education to education for sustainability. In: *Environmental Education*. Brill, 2008. p. 171-193.
- MAFFESOLI, Michel. *Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021.

PASSOS, Eduardo et al. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.